

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 95

Data: 03.06.75

Pg.:

Julgamento agrada Funai, mas ainda há quem punir

Da Sucursal de
BRASÍLIA

A condenação, a 11 anos de prisão, do único remanescente dos seis mataçadores de um grupo de cintas-largas, Ramiro Costa, foi recebida pelo presidente da Funai, general Ismarth Oliveira, como uma contribuição à melhoria da imagem da política indigenista brasileira no exterior, embora, segundo o general, os outros implicados devam ser julgados pela Justiça. Mas, na opinião do missionário jesuíta Antonio Iasi, "os verdadeiros réus da chacina não foram citados e provavelmente continuarão impunes". Eles são, segundo o padre Iasi, os seringalistas Sebastião Arruda e Antonio Junqueira.

Ramiro Costa, aos 65 anos, foi condenado pelo tribunal do júri, sexta-feira, em Cuiabá, por ter participado da chacina de alguns índios cintas-largas, em 1963. Os demais assassinos morreram ou sumiram misteriosamente. Como assistente da promotoria, contratado pela Funai, o senador Eurico Rezende ajudou na condenação, defendendo a tese de que ela serviria para recuperar a imagem brasileira. Comentários do padre Antonio Iasi:

— O senador Eurico Rezende ganhou a batalha, mas perdeu a guerra. Conseguiu com uma oratória no estilo "como me ufano do meu país" levar à condenação por 11 anos o quase setuagenário Ramiro Costa, que, enganado e coagido, tomou parte no ataque aos índios. Os verdadeiros réus da chacina não foram citados e provavelmente continuarão impunes, a menos que o próprio senador tome a iniciativa de acusá-los.

ARRUDA E JUNQUEIRA...

— Quem matou os cintas-largas, disse o padre Iasi, e continua matando centenas de índios, não foi Ramiro, não foi o chefe da expedição, Chico Luiz, que, de metralhadora em punho, ditava ordens ao grupo. Não foi Amorim Brito, preposto da firma que organizou a expedição e deu cobertura aérea à mesma, com fornecimento até de munições. Foram, sim, os seringalistas Sebastião Arruda e Antonio Junqueira, que por anos mantiveram na região do

rio Juruena um regime de terror, de miséria e de morte.

Acusar os dois empresários, porém, não esgota a verdade, segundo o missionário. "Então quem é, em última análise, responsável pelo genocídio do índio brasileiro, senão o próprio órgão oficial de proteção ao índio? Por toda parte, não só no Aripuanã, o índio está correndo riscos e morrendo. E onde está a Funai? Será que até o que é resolvido por uma inexperiente Prefeitura é ordem que a Funai acata, como afirmou seu presidente, a respeito do que se resolve em plano ministerial?"

AINDA A IMAGEM

Assessor do Conselho Indigenista Missionário, Iasi afirmou também que pessoas já afastadas da Funai continuam a trabalhar na Prefeitura de Aripuanã (MT), na área dos cintas-largas. Ele dá como exemplo o ex-presidente da Fundação, general Bandeira de Mello, "que passou a integrar um grupo estanífero que explora minério

na área dos índios. Não foi sem razão que durante sua gestão tanto se remanejou a área reservada aos índios".

— Com todas essas evidências — diz o missionário — "deve-se concluir que o senador Eurico Rezende não tinha razão para sorrir satisfeito quando o juiz proferiu a sentença condenatória de Ramiro; o senador ganhou a batalha, mas perdeu a guerra, porque

esta continua, pois não é possível tapar o Sol com a peneira de uma retórica altissonante e com atitudes espasmódicas. Isso só veio sulcar mais a imagem do Brasil no estrangeiro. É preciso chamar à barra dos tribunais os mandantes do crime, os responsáveis pela Colônizadora Arruda & Junqueira e a própria Funai como a grande omissa, apesar de todo o seu aparato de militares".